

# **Festa do Kerb: Espaços de Sociabilidade, Conflitos e Resistências**

*Juçara Nair Wolff \**

## **Introdução**

O texto ora apresentado em uma versão modificada, é parte integrante da dissertação de Mestrado defendida em 1996, no curso de Pós-Graduação em História da UFSC.

Tem como principal objetivo desencadear algumas discussões e reflexões a partir da perspectiva sócio-cultural sobre o espaço da festa do Kerb.

Para além de tornar visível este espaço enquanto território de sociabilidade, busco percebê-lo também, como local de disputas, conflitos e resistências; relações que permeiam o cotidiano de homens e mulheres na construção de sua história na coletividade de São Carlos – SC, no período de 1920 a 1945.

## **1. As bandinhas na Colônia de São Carlos**

E fomos recepcionados:

“Por uma charanga de amadores onde um rabeção cavernoso, enche os claros dos estampidos com as notas doces e incertas de um dobrado festivo”

Othon Gama D’Eça

\* Professora do Departamento de Ciências Humanas e Sociais. Unoesc/Chapecó. Mestre em História do Brasil. (UFSC)

Como prática costumeira, a música representada através de bandinhas locais foi, e é utilizada pela coletividade em São Carlos no sentido de se fazer reconhecer uma identidade cultural. Desde a sua fundação em 1927, a prática de tocar em grupo ajuda a compor uma imagem da colônia. Esta peculiaridade foi observada e registrada por Othon D’Eça ao visitar, acompanhando a comitiva do Governador Adolfo Konder em 1929, o oeste catarinense<sup>1</sup>.

Responsável em registrar os passos do Governador em cada colônia que visitasse, Othon D’Eça possibilita visualizar, através de seus relatos escritos em forma de diário, não só as possibilidades econômicas destas recém nascidas colônias, mas também, as peculiaridades de seu cotidiano. Visitar o oeste catarinense significava observar “in loco” os problemas e dificuldades que aquele coletivo possuía, no entanto, representava também, reconhecer e fazer-se conhecer naquela parte do território<sup>2</sup>.

Ressaltando sempre o aspecto positivo da ação colonizadora, os observadores destacavam os núcleos coloniais como sendo vilas encantadoras, “jóia brasileira, largada ao descaso e à desnacionalização”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> A visita de Adolfo Konder, conforme COSTA Artur F. O oeste catarinense. R.J.: Vilas Boas. 1929, retrata a preocupação política do governo do Estado, no sentido de reinterar o oeste ao “corpo” catarinense.

<sup>2</sup> A este respeito é muito esclarecedor o texto de Jacques Revel. Conhecimento do território, produção do território: França, séculos XIII - XIX. In: REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Lisboa: Difel, 1989. pp. 103-158.

<sup>3</sup> COSTA, op. cit., p. 23.

A questão da desnacionalização do oeste estava ligada à problemática das fronteiras. Era necessário efetivar a soberania nacional na região. Para isto, era fundamental acabar com a situação precária existente com relação a comunicação e infra-estrutura: “Falta-lhe, em grande parte, contato com a civilização, rodovias, ordem, garantias, justiças, instrução primária e cívica brasileira”<sup>4</sup>.

E mais, a preocupação segundo relato de Artur Ferreira Costa, chefe de polícia no governo de Adolfo Konder, não se restringia ao Estado, era mais ampla: “Os olhos do país e do estado estão voltados para o oeste, por motivo de ordem ligado à fronteira”<sup>5</sup>.

Se a questão da soberania era preocupante por um lado, por outro, o tipo de empreendimento desenvolvido na região, através da Companhia Territorial Sul Brasil<sup>6</sup>, e seu futuro próspero enchiam os olhos dos observadores. Os méritos estariam na junção de três importantes fatores: a fertilidade do solo, a ação inteligente dos colonizadores e o braço do homem disposto ao trabalho - o colono<sup>7</sup>.

Uma das características marcantes da colonização no oeste catarinense está no fato desta ter ocorrido, em grande parte com migração de alemães e italianos oriundos de diversas colônias do Rio Grande do Sul. Segundo Giralda Seyferth quase todas as colônias instaladas no século XX, possuem um certo perfil comum. Os migrantes foram: “assentados em áreas de florestas, a demarcação de lotes acompanhando os vales dos rios. Em todas elas houve a formação da sociedade camponesa com a economia baseada na pequena propriedade policultora”<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> Idem. p. 23.

<sup>5</sup> Idem. p. 23.

<sup>6</sup> A Companhia Territorial Sul Brasil foi responsável pela colonização de boa parte do oeste catarinense que se desencadeou no início da década de 20.

<sup>7</sup> BOITEUX, José Artur. Oeste catarinense. Florianópolis: Livraria de Alberto Entre & Irmãos, 1931.

<sup>8</sup> SEIFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, nº 26, ano 9, out/1994. p. 104.

Como colonização planejada e orientada para dar lucro, cada empreendedor, segundo Peluso, dedicou-se ao máximo às colônias de sua gleba, buscando tirar o máximo de proveito possível. Isto justifica a devida delimitação do núcleo urbano, pelo menos a nível de projeto. Deste modo, em virtude da ocupação imediata dos colonos e mesmo porque esta era uma das exigências do contrato, as obras dos colonizadores:

“já nasciam com arruamentos, lotes urbanos demarcados e serviços indispensáveis - casa comercial, Igreja, escola, hotel”<sup>9</sup>.

“(...) cada uma das povoações, atendia as populações rurais do seu redor, fornecendo-lhes bens e serviços, através de caminhos e estradas que para este fim traçaram os colonizadores”<sup>10</sup>.

Paul Singer, analisando a questão da migração, cita os fatores de estagnação como propulsores de importantes fluxos migratórios que dirigem os grupos de zonas rurais mais antigas para outras mais novas<sup>11</sup>. A experiência da qual fala Peluso portanto, deriva desta questão.

---

<sup>9</sup> PELUSO, Víctor A. Evolução da cidade de Chapecó. In: Estudos de Geografia urbana de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1991. p. 292.

<sup>10</sup> Idem. p. 293.

<sup>11</sup> A este respeito ver: SINGER, Paul. O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica. São Paulo: Moderna, 1987. p. 46.

Os migrantes que se fixaram no oeste catarinense eram colonos em terras gaúchas. O esgotamento do solo, o retalhamento das propriedades e a descapitalização de grande parte dos colonos gaúchos colaboraram para a migração.<sup>12</sup>

Além da migração gaúcha, a Companhia interessou-se em trazer colonos estrangeiros. Depois de algumas tentativas frustradas, as terras da Companhia Sul Brasil foram visitadas pelo Comissariado de emigração da Alemanha. Em 1930, após tal visita a Alemanha enviou 1.200 agricultoresteuto-russos<sup>13</sup>, a maioria deles, com prática em uma agricultura já mecanizada como era o caso de Nicolaus Beirith: “Na Sibéria já trabalhava com trator. Era tudo plano. Não tinha morro nem pedra. Aqui tinha muito morro, pedra e mosquito”<sup>14</sup>.

A impressão negativa que estes imigrantes tiveram, marcou suas vidas de forma tal que muitos sentiram o desejo de retornar. As dificuldades estavam principalmente relacionadas ao desconhecimento da mata e do tipo de relevo. Alexandre Beirith, filho de Nicolaus fala: “Eu me lembro que meu pai falava com os outros que a gente tinha sido enganados. Eles mostraram as partes da terra já arrumadas para o pessoal da Alemanha. Quando a gente chegou, fomos para um lugar que pra entrar tinha que abrir picada. A gente nunca tinha visto aquilo. A minha mãe quase morreu”<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> A este respeito ver: WERLANG, Alceu A. A colonização as margens do Rio Uruguai no extremo oeste catarinense: atuação da Cia Territorial Sul Brasil - 1925 a 1954. Florianópolis: UFSC, 1992 (Dissertação de Mestrado). É interessante observar todo levantamento feito por Werlang a respeito da migração.

<sup>13</sup> A respeito desse aspecto ver: PIAZZA, Walter F. A colonização de Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli [s.d.].

<sup>14</sup> Escritos pessoais de Nicolaus Beirith. (datilografado)

<sup>15</sup> Entrevista com Alexandre Beirith. São Carlos, 09/10/1993.

Mesmo com tantas dificuldades e imprevistos, grande parte da migração gaúcha e imigração teuto-russa, permaneceu naquelas terras que aos olhos de observadores - que a viram trabalhada - era a “terra prometida, a terra de Canaã”. Procurada por tantos e achada somente pelos escolhidos. O processo no sentido de superar as dificuldades foi moroso e, muitas vezes, desgastante. Jacob Ternus lembra:

“Pra essa gente, foi difícil também. A maioria não sabia lidar com a terra, com esse mato. Eu me lembro o Pedro Sebastiani, a Companhia botou ele lá com os russos pra ensinar a trabalhar. Eles queriam cavalcar a terra, eles queriam tirar tudo os troncos, isto também não daria. Eles nunca terminava esse serviço. Era difícil pra eles também porque eles não sabiam esse sistema. Pra nós era mais fácil porque nós conhecia de lá, de lá da colônia velha”.<sup>16</sup>

Em meio a tantas frustrações, caminhos eram encontrados para superar as decepções com a terra, com a pobreza e com a falta de perspectiva na “colônia nova”. Trabalhar para a Companhia<sup>17</sup> na abertura de estradas e sua manutenção era uma delas. O dinheiro que ganhavam era utilizado na compra de produtos que não possuíam como a farinha, o sal, o açúcar, querosene... adquiridos no Rio Grande do Sul. A batatinha, a mandioca ... isto eles tinham porque plantavam, lembra Pedro Ternus.

---

<sup>16</sup> Entrevista com Jacob Ternus. São Carlos, 04/10/1994.

<sup>17</sup> WERLANG, Alceu A. op. cit.

Confrontando a visão dos observadores e a realidade vivenciada por estes sujeitos percebe-se a assimetria de valores. Embora os observadores oficiais<sup>18</sup> salientem o esforço, o determinismo e a sede de progresso na qual cada colono se empenhou, o fato é que não se percebeu nem se deu visibilidade às dificuldades de sobrevivência econômicas, culturais e sociais enfrentadas por estes imigrantes. Ao contemplar o progresso, o desenvolvimento simplifica-se a cultura, a prática do trabalho, como bem demonstram as afirmações abaixo:

“Grande colheita que se espera em 1952 é uma prova de que os responsáveis pelo progresso daquela terra não estão dormindo”<sup>19</sup>

“O campo, a lavoura, o labutar com o solo e o tempo, são outras maravilhas, afirmações de vitalidade”<sup>20</sup>

Paralelo as narrativas dos observadores, o jornal “A Voz de Chapecó”, em vários momentos, também dá publicidade à preocupação com o progresso e com a civilização que chegava à região através das mãos dos colonos relegados a sua própria sorte pelos governos estaduais. Assim retrata a narrativa jornalística:

---

<sup>18</sup> Ao falar de observadores oficiais refiro-me aos integrantes das comitivas governamentais que penetraram no oeste catarinense; respectivamente, Adolfo Konder (1929) e Irineu Bornhausen (1952).

<sup>19</sup> SILVA, Zedar Perfeito. Oeste catarinense. Rio de Janeiro: Laemmert, 1950. p. 49.

<sup>20</sup> Idem. P. 31.

“Chapecó não é um deserto nem tão pouco um antro, é sim um município dividido em 14 distritos populosos, alguns dos quais possuidores de amplas conquistas de progresso e desenvolvimento alcançados pelo próprio esforço de sua gente e sem auxílio de governos”<sup>21</sup>

“Tem chegado seguidamente caminhões repletos de colonos do estado do Rio Grande do Sul, nesta cidade e região `a procura de colônias. Chapecó dado a fertilidade extraordinária de suas terras está sendo procurada diariamente e, recebendo em seu seio o impulsionador de seu progresso: o colono”.<sup>22</sup>

Certamente que esta preocupação estava encadeada ao processo de defesa da economia catarinense - exportação de madeira - expoente da economia oestina entre 1920 e 1945, afetada pelo constante contrabando aos países platinos. No entanto, estava também aliada a desconstrução da imagem da região, elaborada por jornalistas dos Diários Associados, que a descreveram como “uma terra sem lei, sem dono: terra de gangsteres”<sup>23</sup>.

Por dentro deste emaranhado de acontecimentos estão os sujeitos dessa história. Homens e mulheres que experimentam o seu cotidiano, que encontram formas para manter uma cultura que passa por formações e transformações, mas que não se esvai com a água da chuva.

---

<sup>21</sup> “A Voz de Chapecó” - nº 25 - p. 01, 24/12/1939.

<sup>22</sup> Idem. nº 22 - p. 04, 02/12/1939.

<sup>23</sup> A este respeito ver BELLANI, Eli Maria. Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai - 1917-1950. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 1991. p. 316.



A organização das bandinhas assim revela. Segundo Padre Zimmer, estes grupos musicais embora passassem, freqüentemente, por crises, nunca deixaram de existir. Eram todas criadas por pessoas da própria coletividade que cantavam, não raras vezes, à beira do rio Uruguai. “Por volta do início do povoamento enquanto não se pensava em cidade ainda, eles se colocavam a cantar na beira do rio”<sup>24</sup>. Esta prática imprimiu uma imagem da colônia que, segundo Padre Zimmer, até meados da década de 30, ficou conhecida como Porto dos Cantadores.

## **2. Buscando a memória: espaços de tocar**

Tocar, para esta coletividade, assumia uma aura de magia. Os espaços e motivos para tocar não estavam pré-determinados pelas normas de sociabilidade, nem tão pouco, estava aliado ao ar da excepcionalidade. Emaranhando-se numa continuidade com a ordem habitual o tocar também fazia parte do cotidiano dessas pessoas.

A diversidade de tocar existente em São Carlos, permitiu visualizar estratégias pelas quais estes tocadores tentavam preservar esta tradição. Seja tocando embaixo de uma árvore, seja à beira do rio, seja em conjunto ou individualmente, o tocar não se extinguiu. Frente às crises, reaparece sempre reelaborado. É esta magia de fluir que permitiu percebê-lo enquanto algo que identificava o grupo.

Nos relatos daqueles que participaram ativamente das bandinhas, sobretudo tocando, ou daqueles que participavam subjetivamente, o tocar era uma prática freqüente em seus cotidianos. As reuniões exerciam papel fundamental na socialização do grupo que ali estava ensaiando.

<sup>24</sup> Entrevista com Pe. Herbert Jerônimo Zimmer. São Carlos, 29/07/1994.

As bandinhas, em sua configuração, já representavam um convite à dança, às festas, aos bailes. Enquanto “imagem no frontispício... sugerem uma leitura, constróem um significado” possibilitando percebê-las como um indício identificador<sup>25</sup>. É isto que torna possível entender as práticas em torno da música para além das barreiras do lúdico. Elas, é possível dizer, configuravam-se em panteão na preservação de valores culturais.

Peter Burke, ao estudar a cultura popular na Europa pré-industrial, dá ênfase ao cotidiano das pessoas ditas comuns, às suas representações teatrais e os rituais que encenavam para si mesmas. Dentro desta perspectiva faz menção à importância dos cenários no qual se desdobram uma variedade de eventos. Diz também que, necessário se faz para a análise de qualquer item cultural, situá-lo no contexto, o que “inclui o contexto físico ou o cenário social, público ou privado, dentro ou fora de casa, pois esses espaços físicos ajudam a estruturar o evento”<sup>26</sup>.

Em São Carlos os cenários de ensaios das bandinhas também eram vários, bem como, em muitas ocasiões, inusitados. Suas apresentações também possuíam um caráter improvisado já que em meados de 1930, utilizava-se o galpão onde se estocava fumo para realização dos bailes. Pensar neste contexto, é pensar na historicidade desse elemento cultural que cotidianamente foi estabelecido, mas também significa perceber sua elaboração a partir de relações sociais que foram estabelecidas ou não.

---

<sup>25</sup> CHARTIER. Roger. A história cultural - entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand: Lisboa: Difel, 1990., 133.

<sup>26</sup> BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 132.

Historicizar as bandinhas enquanto elemento cultural significa buscar a história dos (das) imigrantes que entraram nas glebas da Companhia Territorial Sul Brasil. Alceu Werlang descreve em seu trabalho as minúcias da trajetória desses migrantes em busca de seu “pote de ouro”. A opção por Santa Catarina levava-os a desfazer-se de todos os bens em território gaúcho, uma vez que os propagandistas, no afã de venderem os lotes, não alertavam os colonos das dificuldades que encontrariam na “nova terra”.

Se a vinda para o oeste catarinense abria as possibilidades de mudança, o trajeto para chegar a este “novo mundo” era no mínimo desanimador. Muitos, parte da viagem, vinham de carroça, outros de animais com cangalhas. A travessia do rio Uruguai causava receios, além do que, a caminhada de 80 km<sup>27</sup> através de picadas até as terras que iriam ocupar, era barreira a vencer.

Na caminhada em busca da terra, migrantes teuto-brasileiros, na maioria oriundos de Santa Cruz do Sul e São Leopoldo - Rio Grande do Sul<sup>28</sup>, em frágeis carroças e, pequenos barcos a motor, traziam em suas bagagens a esperança de construir seu “favo de ouro” para utilizar uma expressão de Othon D’Eça. No dizer de Ilsa Klein, filha de um dos “pioneiros”: *“a nova terra traria riqueza. Meu pai e quem veio com ele pensavam assim”*<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> WERLANG. op. cit., pp. 109-116. Alceu Werlang traz com ricos detalhes as primeiras dificuldades enfrentadas pelos pioneiros, desde a sua chegada até a instalação em terras da Companhia.

<sup>28</sup> Para maiores informações ver WERLANG. op. cit., p. 107-109.

<sup>29</sup> Entrevista com Ilsa Klein. São Carlos, 25/10/1995.

Pierre Nora diz que a necessidade de memória é uma necessidade de história. Uma história diria eu, com desejo de ser contada. Se os clarões desta memória que flui através das lembranças desses homens e mulheres, não tiverem seus suportes exteriores, podem tornar-se tão individualizadas ao ponto de ter significado a não ser para si mesma. Eis aí a importância do grupo afetivo do qual fala Maurice Halbwachs

“Para que nossa memória se auxilie com as dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum... É necessário que a reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros ... o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte da mesma sociedade”<sup>30</sup>.

Porque é em meio as “circunstâncias sociais definidas” que as lembranças afloram, impulsionadas pelos sentimentos e inquietudes na qual elas estão submersas. É neste sentido que as conversas / entrevistas realizadas com vários personagens em São Carlos, sempre acompanhadas do Senhor Alexandre Beirith<sup>31</sup>, hoje com 75 anos, possibilitou o entrecruzar de informações, trazendo da memória fragmentos de suas experiências.

<sup>30</sup> HALBWACHS. Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. p. 34.

<sup>31</sup> Imigrante teuto-russo fixado em São Carlos desde os seis anos de idade.

O interessante em todas as conversas - digo conversa porque o fio que conduzia as entrevistas estava justamente nas noções comuns, no fazer parte do grupo do qual fala Halbwachs - era o fluir, o diálogo incessante, como se fosse tão somente um comentário a parte do acontecido. A impressão que senti muitas vezes, foi de estar participando com eles daqueles momentos vivos que estavam encrustrados em suas memórias. Os gestos, o falar, o olhar, os sentimentos revelavam a cumplicidade no relembrar, ao mesmo tempo que davam evidências de sua cotidianidade.

Assim, Ilsa Klein remexe sua memória e relembra a vinda de sua família para São Carlos.

“Meu pai, Gustavo Johann mais um primo Mathias Johann vieram para fazer negócios. Como a colônia era nova, meu pai queria vir para abrir um comércio. Primeiro ele abriu uma loja em Cascalhos, depois aqui em São Carlos. Ele vendia de tudo por que não tinha nada de comércio de produtos. Ele vendia feijão, farinha, sal, banha. Tudo. Depois ele começou a botar tecido”<sup>32</sup>.

Gustavo Johann além de ter um comércio de produtos “secos e molhados”, também era agenciador na venda de terras da Companhia. A existência de um comércio na colônia facilitava a vida de muitos “colonos”, muito embora, na maioria das vezes, estes não dispunham de dinheiro.

---

<sup>32</sup> Entrevista com Ilsa Klein. São Carlos, 25/04/1994.

Jacob Ternus, falando a este respeito, salienta que “no início se tinha um dinheirinho, porque as terras na colônia velha foi vendida. Mas depois, que acabou o dinheiro era difícil”<sup>33</sup>.

Entre as lembranças de Ilsa Klein figuram as imagens a respeito da música. Lembra que seu pai, mesmo em tumultuada carga e descarga de bagagens, não largou nem esqueceu a prática de exercitar seu violino. Na “nova terra” o instrumento era sonorizado embaixo de uma árvore de sombra, junto de amigos ou a beira do rio Uruguai.

“O pai tinha um violino. O meu irmão também. O Sehnen era gente boa pra cantar. Então, quando a tristeza batia demais, eles se juntavam. Mas eles tocavam com toda a atenção, com todo o amor ... Já que a gente cantava ali, disse meu pai, então vamos botar o nome de Porto dos Cantadores”

<sup>34</sup>.



A primeira banda conjunto de São Carlos  
Acervo: Museu Histórico de São Carlos.

Portanto, o Rio pela sua magia atraía para si os grupos que desejavam ensaiar ou simplesmente tocar. Se eram ou não as facilidades dos encontros que os moviam a este cenário, certo era que o Rio desempenhava papel fundamental nas reuniões dos grupos. O companheirismo, em meio a tantas dificuldades movia estes migrantes a pensarem em um futuro melhor. O ato de tocar não era só um momento para tentar exorcizar as tristezas e angústias com as dificuldades materiais, mas também uma forma de identificação do grupo que fornecia o lado lúdico, tanto quanto, assegurava formas de solidariedade engendradas pelo sentimento e pela emoção.

Mas, nem sempre a relação de companheirismo estava presente entre os participantes do grupo. Ilsa Klein diz que certa vez o Sr. Olímpio Heidt ao participar de um serão, ficou descontente com a atitude de um dos participantes. Para Heidt o Serão era para cantar, conversar sobre as dificuldades e tentar resolver os problemas que não eram poucos e o “tal” sujeito havia desrespeitado as regras do jogo. Paralelo a roda de Serão organizada pelos homens, onde discutia-se “coisas sérias”, existia a roda de Serão feminina. Ali conversavam e trabalhavam na costura e no bordado. A atitude do “tal” sujeito de se “engraçar” com uma integrante da roda feminina atrapalhava, no dizer de Klein, o serviço das mulheres. Em atitude tempestuosa Heidt lançou-se com o violino sobre o colono e só não concretizou a agressão porque Gustavo Johann, separou e acabou com a “farra”.

Esta narrativa exprime os momentos de tensões e “ranhuras” existentes entre os sujeitos participantes de um mesmo grupo. Os laços étnicos e a necessidade de companheirismo são balizados por valores, sentimentos e comportamentos que estão indo e vindo.

Heidt se sente ofendido e agredido pela falta de cumprimento das regras. Talvez, esta ofensa faça sentido ao se saber que na roda de Serão estava sua irmã. Ao bulir com as mulheres, o colono, na leitura de Heidt, ofendia a moral da sua família. Moral esta preservada através do controle e vigilância sobre a irmã.

Emaranhadas a estas histórias, estão também, as experiências dos teuto-russos com as bandinhas. Embora tenham chegado a São Carlos somente no início da década de 30, tiveram mais dificuldades de adaptação, a começar com o desconhecimento de saber lidar com a mata e sua fauna. Também por terem sido mandados para a região de Aguinhas, onde a terra era extremamente pedregosa e cheia de morros. Os russos não tinham a prática com este tipo de terra, mesmo porque na Sibéria já trabalhavam com tratores e não mais com instrumentos manuais como a enxada e o machado<sup>35</sup>. Não entendiam como a Alemanha tinha assinado este tratado com o Brasil<sup>36</sup>. A terra não era igual a da Rússia. Não era campo e por isso, não eram acostumados a este tipo de trabalho.

Baseados também em suas lembranças que diretamente afetam o viver, estes sujeitos estão percebendo a construção de sua história ao mesmo tempo que participam dela. Conforme Halbwachs, a memória aflora, através das lembranças dos grupos que ela une. Então, os fios que foram puxados nas conversas partilhadas por Alexandre Beirith, Jacob Ternus e Roberto Beckenkamp, fazem sentir esta comunidade afetiva, fazem perceber o partilhar de experiências. Em temporalidades diferentes estes sujeitos participam objetivamente e subjetivamente do emergir das bandinhas.

---

<sup>35</sup> Escritos pessoais de Nicolaus Beirith. (datilografado)

<sup>36</sup> Os teuto-russos entrevistados referem-se a permissão do comissariado alemão a imigração de teuto-russas para terras de Santa Catarina em 1930.



Os fios vão se entrecruzando, desenham os espaços ocupados pelos grupos musicais dando luz a momentos significativos do social.

“A gente já tocava na colônia velha e aqui a gente se reunia com a rapaziada”. (Jacob)

“A nossa família toda era de música, cada um tocava um instrumento. A gente ensaiava em casa”. (Roberto)

“Na Rússia meu pai já tocava. Ele mesmo fazia o violino. Aqui ele organizou um conjunto com o Gisi”. (Alexandre)

Em composição e espaços diferentes, as bandinhas eram um dado concreto para esta coletividade. As formas de participação também variavam. Seja através dos poucos encontros sociais: casamentos, batizados, serões ao redor da fogueira ... o certo é que os espaços eram constituídos e construídos pela sociabilidade pela convivência...

Clemens Gisi em seus escritos, aborda a organização de um grupo musical com seu irmão e com Nicolaus Beirith, seu conterrâneo. Ambos eram russos e migraram por meios diferentes até chegarem a Santa Catarina. Gisi fala de seus vizinhos de colônia, os irmãos violinistas - Miguel e Nicolaus - e seu trabalho na colônia durante o dia. Salienta que embora trabalhassem exaustivamente na lavoura, ainda encontravam forças para carpintear mesas, cadeiras, bancos e outros móveis. Em meio a seus escritos relembra o acordo feito com os vizinhos Beirith em construir dois violinos. Assim descreve:

“Os dois irmãos violinistas vinham cada noite e ajudavam com grande interesse na execução do violino. E, em pouco tempo, lá estavam eles prontos. Embora não fossem ‘coisa fina’, dava para tocar. Notamos que a maior falta que sentíamos era de uma bandinha”<sup>37</sup>.

O objetivo de criar uma bandinha, iniciando pela confecção dos instrumentos, pode ser lido como uma tentativa de preservar os valores culturais trazidos da Rússia e que os identificava como grupo social. Ultrapassar os limites da relação de vizinhança também pode ter, na organização das bandinhas, o seu início. Nicolaus em seus escritos nos diz que: “No início não dava pra fazer muita coisa. A cidade era longe, a gente andava muito e também as festas eram poucas. A gente se reunia em torno da fogueira e tocávamos, tocávamos...”

Estas relações de vizinhança, de amizade e até mesmo de solidariedade eram, sem dúvida, fundamentais para a sobrevivência destes imigrantes. O ato de tocar em torno da fogueira reforça o relacionamentos grupais ao mesmo tempo que reforça no indivíduo a idéia de pertencimento. “É Ali por 1930, até ali, agora não me lembro bem, a gente se juntava com nossa gente mais uns amigos, fazia uma caça e tocava ao redor da fogueira. Era bom!”<sup>38</sup>. A simples “reunião” ao redor da fogueira, pode mostrar ao historiador outras relações, valores e culturas, talvez não perceptível em um primeiro olhar. Historicizar este momento que denominarei de Serão, contribui, significativamente, na compreensão da reelaboração deste espaço comum.

---

<sup>37</sup> GISI, Clemens. Eu fugi da Sibéria. Chapecó: Amigos do Autor, 1985. p. 196.

<sup>38</sup> Entrevista com Jacob Ternus. São Carlos. 25/04/1994.

Chartier ao vasculhar a respeito das diferentes práticas de leitura camponesa na França do século XVIII, percebe como os Serões destacavam-se como componente obrigatório na representação do mundo camponês; lugar onde as leituras eram feitas em voz alta. Embora Chartier interpele a posição dizendo que era desconfiável que houvesse leituras em voz alta nos serões, no entanto, os serões na cultura camponesa eram lugares: “do trabalho em comum, do jogo e da dança, dos contos e das canções, da confiança e dos mexericos”<sup>39</sup>.

Bernardete Flores, ao trabalhar a farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina, destaca também os serões. Ligados tanto ao cronos da natureza quanto ao cronos cultural, os serões existiam e resistiam em suas diferentes plásticas. Fosse na “época gelada da tainha”, na salga do peixe, fosse nas “algazarras noturnas em torno do monte de mandioca”, fosse em roda do lampião fazendo a renda, os Serões constituíam-se como espaço de sociabilidade onde a vida profana imbricava-se com a labuta cotidiana da produção da existência.<sup>40</sup>

Na coletividade de São Carlos a prática pode ser lida enquanto momento necessário de comunhão, onde tornavam-se públicas, ao redor da fogueira e ao som da gaita, as angústias, alegrias, perspectivas de melhoras. Encontros que podem também, dimensionar o aspecto econômico da coletividade e/ou socializar as emoções ou sensações mais cotidianas que, no entanto, no dizer de Maffesoli, são importantes para a estrutura da vida social.<sup>41</sup>

<sup>39</sup> CHARTIER. Op. cit., p. 160

<sup>40</sup> FLORES, Maria Bernardete R. Teatros da vida, cenários da história. (Tese de Doutorado) S.P.: PUC, 1991.

<sup>41</sup> MAFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p.61.

Nestes Serões, ocorridos em alguns espaços de São Carlos, Jacob Ternus fala como as famílias participavam da “festa” ao redor da fogueira. As mulheres e as crianças participavam também desses momentos, em outra roda, mesmo que o horário fosse impróprio. Marta Hoss diz que as mulheres reuniam a criançada e então, cada uma contava o que tinha acontecido durante a semana. Todos, a sua medida, tinham espaço no Serão. Seja tocando, cantando, dançando, consertando as roupinhas das crianças, planejando o futuro ou contando suas histórias, os serões eram espaços de “sociabilidade” onde as relações de convivência e de vizinhança podiam ser intensificados, tanto quanto retraídos.

Buscando estes espaços de sociabilidade e/ou não, encontra-se o Rio - Uruguai e Moraes - lugar que transfigurava-se de ambiente de trabalho - organização das balsas - em ponto de encontro e de ensaios musicais. O grupo musical formado pela família Ternus, ensaiava a beira destes Rios. O cenário encarregava-se da afinação dos instrumentos. Pode-se dizer que o papel do Rio e da sua mata era o do timoneiro que levava seus tripulantes musicais à afinação desejada.

Ternus fala que mesmo após um dia árduo de trabalho na roça, não cansavam de caminhar até a beira do rio Uruguai para ensaiar. Estes momentos mantinham vivas as experiências de tocar em grupo, praticadas na “colônia velha”.

“A gente trabalhava até 5, 6 horas e aí, toda a rapaziada foi lá pro porto. Então, cantemos lá. A gente escutava muito bem, porque o som foi pro outro lado do rio e a gente ouvia de novo”<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Entrevista com Jacob Ternus. São Carlos, 04/10/1994

### **3. Bailes: atuação dos grupos musicais**

Estas experiências de ensaiar, de reunir, de praticar, podem fazer parte das estratégias de sobrevivência de uma identidade cultural. Em vários momentos do social, as bandinhas eram lembradas. Não havia festa sem bandinha. Os casamentos, os batizados, as festas religiosas como um todo, eram sempre animadas por estes grupos musicais. Eles possuíam sobre si a aura de reunir a coletividade. Além do que, simbolizavam a “conservação de velhos usos”. Nicolaus Beirith lembra que após a formação da bandinha, esta não parou de tocar. “depois do conjunto formado, a estréia foi o casamento de Horoninus Jonas. A segunda vez foi o baile na casa de Pedrinho Ferrari. Depois em diversos casamentos”<sup>43</sup>.



Primeiros Músicos de São Carlos:  
Carlos Pilmayr, Aloisio Sebastini, José Ternus e Aloísio Ternus  
Acervo: Museu Histórico de São Carlos.

---

<sup>43</sup> Entrevista com Alexandre Beirith, São Carlos, 09/10/1993.



Grupo Musical Família Beckenkamp.  
Acervo: Museu Histórico de São Carlos.

Constituíam-se então espaços de sociabilidade tanto quanto de socialidade, porque como fala Maffesoli “existem momentos abstratos, teóricos, puramente racionais, e outros em que a cultura, no seu sentido mais amplo é feita de participações e de ‘factilidade”<sup>44</sup>. As improvisações dos cenários talvez atestem o deslizar pelo campo da socialidade onde a grande norma está justamente em não tê-la.

Dar visibilidade aos espaços que fogem ao convencionalismo é deparar-se com a improvisação, mas também, com a sua des-sexualização. Ao contrário do “lugar comum” de que as mulheres contribuíram pouco na história, a presença feminina também colaborou na composição daqueles cenários, seja de divertimento, seja de trabalho. Responsáveis pelo trabalho doméstico como lavar, cozinhar e cuidar dos filhos, muitas mulheres eram, igualmente, responsáveis em arrumar algum dinheiro para comprar os alimentos necessários:

<sup>44</sup> MAFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p. 108.

“Enquanto eu trabalhava nas estradas para a Companhia, a minha mulher andava quilômetros, para conseguir vender um cesto de ovos para comprar farinha”<sup>45</sup>.

Assim, a relação no campo de trabalho, nas pequenas propriedades, colocava a mulher e os filhos como principais forças de trabalho. Enquanto o homem empregava-se, muitas vezes, como diarista na organização das balsas ou na construção das estradas abertas pela Companhia, as mulheres comandavam a propriedade.

No início da colonização em 1927, até o início da década de 30 a quantidade de mulheres na colônia, segundo Ternus, era pequena. Em sua entrevista deixou registrado que no início vieram muitos homens solteiros. Mais tarde foi que chegaram as primeiras mulheres entre 13 e 15 anos. Muito novas. Outro fato que retrata a falta de mulheres na colônia foi a preocupação do sogro de Jacob Ternus quando visitava seu filho mais velho, Aroldo, em São Carlos. Aroldo era dono de uma ferraria e trabalhava com mais três rapazes. O serviço era demais e não dava tempo para fazer o serviço da cozinha, então: “O velho, viu que eles não tinham cozinha aqui. Ele voltou para Serro Largo (RS) e trouxe ela, a Marta, pra cá. Pra fazer o serviço da cozinha”<sup>46</sup>.

Até meados da década de 40 o trabalho feminino consistia basicamente nos trabalhos domésticos, na lavoura, na fabricação de banha e no artesanato como: travesseiros e cobertores de pena, as famosas colchas de retalhos e guloseimas, principalmente a cuca<sup>47</sup>. A prática de comércio realizada por algumas mulheres, além de ser um trabalho improvisado, estava relacionado à venda de alguns produtos, para a compra de outros, como ovos por exemplo.

<sup>45</sup> Entrevista com Alexandre Beirith. São Carlos, 09/10/1993.

<sup>46</sup> Entrevista com Jacob Ternus. São Carlos, 04/10/1994.

<sup>47</sup> Com a criação da Vila e posteriormente Distrito, o núcleo urbano começou a fomentar outras atividades, as mulheres também passaram a participar mais intensamente como a escola e o comércio.

Em meio à labuta cotidiana, as relações de companheirismo permeavam a vida das famílias de colonos. Não estavam ligados tão somente aos laços de necessidade de força de trabalho, mas também às solidariedades necessárias a esse social. Prova disto é a participação feminina nas bandinhas. No conjunto musical da família Beckenkamp uma das filhas, era a figura principal. Desempenhando o papel de baterista, Rosa Beckenkamp era elogiada por ter ritmo e saber tocar bem.

Ser uma integrante da bandinha podia trazer uma carga de aversão, principalmente em relação as questões morais impostas pela Igreja. Peter Burke ao falar a respeito da reforma da cultura popular na Europa pré-industrial, salienta as denúncias por parte dos reformadores em relação a moralidade que envolvia esta cultura. Para eles as festas estavam relacionadas ao pecado. As peças, cantigas e sobretudo as danças eram condenadas por despertar emoções perigosas e incitar à fornicção<sup>48</sup>.

Embora se tratando de período e espaços específicos, Peter Burke nos dá elementos para reler a prática de troca em São Carlos. Considerando que, dependendo do motivo e do espaço, o ato de tocar poderia estar relacionado ao pecado, o que se diria a respeito de uma mulher tocar um instrumento de percussão em público? No caso de Rosa Beckenkamp, em São Carlos, os valores culturais religiosos não interferiram na sua prática. Embora, seu irmão Roberto Beckenkamp saliente a boa aceitação da coletividade em relação a uma mulher tocar bateria, é possível que no embate dos valores culturais tenha surgido algum tipo de conflito. O certo é que nos bailes, sobretudo religiosos a partir da década de 40, o *Conjunto Jazz-Linha Tombos* da Família Beckenkamp era a sensação do momento. “A mana era bem aceita. Tocava bem, tinha o ritmo. Ninguém mexia com ela”<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> BURKE. Op. cit., pp. 235-236.

<sup>49</sup> Entrevista com Roberto Beckenkamp - São Carlos, 05/10/94.



#### **4. Kerb: lugar de diversão, de sociabilidade e de resistência**

Em meio as poucas festas existentes nesta colônia - já que a maioria estava ligada a casamentos e batizados - uma se destaca pela proporção que toma a partir de 1931: **A festa do KERB**<sup>50</sup>. Esta festa passou a ser comemorada a partir da fundação da Paróquia São Carlos Borromeu, santo protetor da Paróquia e por extensão, de toda coletividade. Sua organização estava veiculada aos moldes da tradição teuto-brasileira, por isto a denominação Festa do Kerb.

Nas colônias alemãs no Rio Grande do Sul, o Kerb, em sua “significação mais profunda” segundo Zuleika Mussi Lenzi, estava associado à manutenção dos laços de solidariedade e na fuga de um completo isolamento, causado pelas distâncias entre as propriedades dos primeiros colonos imigrantes do Rio Grande do Sul. Assim, “o Kerb, no fundo, se tornou uma festa com o sentido de um encontro anual entre parentes e amigos ou conterrâneos mais chegados, tendo em vista a atualização de suas informações sobre a vida social e a prestação de ajuda mútua”<sup>51</sup>.

Embora LENZI trabalhe sobre esta hipótese, outras possibilidades a respeito da prática do Kerb foram levantadas. Entre elas figuram a relação direta com a instalação e inauguração da paróquia em época imediatamente posterior a colheita e, a relação direta com a festa alemã “Kirchmessel” - festa da igreja - praticada mais especificamente na Renânia, no sul da Alemanha.

<sup>50</sup> Conforme informações do Livro Tombo da Paróquia de São Carlos.

<sup>51</sup> LENZI, Zuleika M. O Kerb em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1989. pp. 37-39.

A busca de uma origem a respeito do Kerb, não se constitui aqui foco de preocupação. Peter Burke fala a respeito da tradição e criatividade no século XVIII na França, onde os sujeitos não eram dominados pela tradição que conservavam, pelo contrário, sentiam-se livres para reinterpretá-la<sup>52</sup>. Esta margem de inovação contorna as inúmeras variantes do Kerb no Rio Grande do Sul, sobretudo nas regiões de Taquari, Jacuí e Caí, tanto quanto as de Santa Catarina na região oeste. Pensar a Festa do Kerb como representação fiel a um passado trans-histórico, seja da Alemanha ou Rio Grande do Sul é tentar construir um imaginário social a respeito de sua própria identidade ligada indiscutivelmente a uma tradição germânica intacta. A necessidade de se criar uma ligação com um passado histórico, visa reflorescer e inculcar, como nos diz Hobsbawn, certos valores e normas de comportamento através da repetição<sup>53</sup>.

Mas para além desta abordagem, a **Festa do Kerb**, tornou-se, a partir de 1931, um importante cenário da vida social de São Carlos, tanto quanto palco para se perceber as relações sociais que eram engendradas neste cotidiano. Embora tenha a sua aura religiosa associada à comemoração da instalação da paróquia e seu santo protetor, o Kerb ultrapassa este limite, porque a festa não pode ser lida e nem “*reduzida a um conteúdo determinado e limitado*”<sup>54</sup>, posto que na realidade, ela transgride automaticamente qualquer limite. Por ser esperada durante o ano inteiro, os preparativos para o Kerb, em si, já configuravam uma festividade. Nestes preparativos, a coletividade se reunia para organizar as várias etapas do ritual. Padre Zimmer diz que, meses antes, grupos de pessoas se reuniam para organizar as várias etapas da festa.

<sup>53</sup> HOBBSAWN, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.p. 9.

<sup>54</sup> BAKHTIN, Mickhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 241.

No início não havia um único festeiro, mas alguns, geralmente relacionados ao Conselho de Fábrica<sup>55</sup>.

As fases da organização do Kerb incluíam a escolha dos dias para realização da festa que geralmente culminava com o período em que se iniciava a colheita do milho e do fumo. Fato que ocorria, normalmente, no final do mês de outubro e início do mês de novembro, portanto um período de fartura e de intervalos, já que a colheita do milho, por exemplo, tinha como primeiro passo a sua “*dobra no campo*”<sup>56</sup>.

Além do aspecto lúdico que envolvia os dias de festa, a fartura: a comilança, no sorteio de cucas, wurst<sup>57</sup>, bolachas enfeitadas e muitas bebidas davam contornos a esta festividade. Produzidas pelos colonos, as comidas e bebidas eram doadas à festa do Kerb. Através da mobilização de uma rede de relações, os festeiros conseguiam arrecadar e comprar aquilo que seria comercializado no KERB. Por outro lado, o imaginário coletivo que se criava a partir da representação da festa - imaginário da fartura, da igualdade entre as classes, da ausência do poder instituído - pode ser visto como uma das respostas que a própria coletividade, da à seus conflitos, angústias, diversões<sup>58</sup>.

<sup>55</sup> Era um Conselho formado por leigos e nomeados pelo Bispo Diocesano, sendo, no entanto, indicados pelo vigário. A Diretoria do Conselho de Fábrica empossada em 1931, tinha como seus membros, pessoas que possuíam destaque na colônia e que exerciam determinado poder. Fora o Pe. Henrique Buse que era vigário e portanto, líder religioso, Fredolino Zimmer era dono de uma serraria, Nicolau Schoemberger era professor e mais tarde fundador da Cooperativa de fumo São Carlos, Pedro Ternus e Ervino Linck eram colonos bem sucedidos.

<sup>56</sup> Antes da colheita, o pé de milho é dobrado, logo abaixo da espiga, possibilitando uma secagem mais rápida, permite uma plantação de entressafra, além de ser uma alternativa para suprir a falta de silos.

<sup>57</sup> WURST - Expressão em alemão que significa salsicha ou linguiça.

<sup>58</sup> Ver: BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. Rio de Janeiro: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, 1985.

Ao analisar os santos e as festas no catolicismo popular, Alba Zaluar salienta que as dádivas à festa do santo tinham especial importância para os lavradores, pois trariam proteção ao seu gado e as suas plantações. Seria uma forma de ressaltar a sua identidade com aquela “comunidade” simbolizada pelo santo que a todos abençoaria<sup>59</sup>. Além do que, a festa representava um tempo de exceção onde não se “trabalha” mas, comem, bebem, divertem-se...

Por outro, pode simbolizar para este imaginário um acerto de contas com o santo, tanto quanto simbolizar a renovação dos votos no sentido de que, durante mais um ano, a coletividade tenha a graça de uma boa colheita, da fartura e da alegria. É possível entender portanto, esta relação dentro de um sistema de reciprocidade específico entre coletividade e o simbólico/santo, que era expresso nos rituais da missa e da novena. Nestes rituais, era recomendado pelo Bispo e, a nível local, pelo Padre, à reflexão e renovação dos votos. “Em dias de missa e novena torna-se importante que o vigário ressalte as qualidades do Santo Padroeiro e incentive os fiéis a seguirem os passos de seu protetor”<sup>60</sup>.

Na década de 40 os festeiros já não eram, necessariamente, membros da Diretoria da Fábrica, no entanto, continuava a ser alguém com posição sócio-econômica privilegiada. E o que retrata a festa de 1948 que tinha como festeiros o Sr. Izidoro Chapinotti - vereador e sua Exma. Sra. D. Jilda Muxfeld Chapinotti. Embora a festa fosse cunhada sob o estigma de festa do povo, pela dimensão que a mesma alcançava, esta igualdade momentânea desaparecia nas diversas etapas do festejo. A começar, então, com a escolha do festeiro.

---

<sup>59</sup> ZALUAR, Alba. Os homens de Deus (um estudo dos santos e das festa no catolicismo popular). Rio de Janeiro: Zahar, 1983. pp. 65-72.

<sup>60</sup> Livro Tombo. Carta de D. Daniel Hostin à Igreja São Carlos Borromeu, em 11/05/1932. Sem paginação.

Com a elevação da colônia a categoria de Vila na década de 1930 e, a sua conseqüente ordenação, começaram a surgir espaços específicos para bailes e festas. Até então, os espaços da sociabilidade - bailes e festas - eram transportados para onde a coletividade fosse. Seja a beira do rio Uruguai, seja o galpão de fumo, seja na casa do imigrante, ou uma clareira em um ponto alto da Vila, não importava, o espaço era criado. “*No local onde hoje está localizado o Hospital Pe. João Berthier, foi feita a festa do Kerb. O pessoal achou bonito. Limparam tudo e lá fizeram a festa*”<sup>61</sup>.

Para além dos espaços criados, a instituição de lugares próprios à dança e à música floresciam em São Carlos. Do tocar e dançar no Porto a beira do rio Uruguai, o ato de tocar vai reelaborando-se e ocupando espaços limitados. Padre Zimmer lembra: *onde hoje está o Canecão existia um salão para bailes com palco e tudo. Era o salão de Eduardo Kroth*<sup>62</sup>.

Este salão configurava-se como espaço das festas e do baile do Kerb. Lugar de diversão, lugar onde a festa apodera-se e instala-se e onde as pessoas desempenhavam seus papéis longe do “cotidiano organizado.” Segundo Bernardete Flores<sup>63</sup>, a instituição de novos espaços e cenários, dão caráter oficial à cultura, em São Carlos a delimitação espacial permite dar mais visibilidade a Kerbfest, ao mesmo tempo que possibilita, por parte das autoridades religiosas e civis, um maior controle desta prática e desta coletividade.

---

<sup>61</sup> Entrevista com Pe. Herbert Jerônimo Zimmer. São Carlos, 29/07/1994.

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> FLORES. op. cit. P. 238.

Se para a instituição religiosa a Festa do Padroeiro era um momento de reflexão e renovação de votos, de modo a acentuar a identidade religiosa, por outro era uma forma de exercer, através do simbólico, o controle desta coletividade. Em circular enviada em 1932, registrada no livro tomo da paróquia São Carlos Borromeu, o Bispo D. Daniel Hostin ordena ao pároco que nas missas e novenas, sejam ressaltadas as qualidades do santo protetor para que todos possam imitar e desejar para si tais qualidades. Alba Zaluar, em seu trabalho “Os homens de Deus”, afirma que estas festas marcaram significativamente a autoridade do padre em todas as atividades religiosas e conseqüentemente a subordinação de seus adeptos à hierarquia eclesiástica no que se referia a questões religiosas na região de São Francisco<sup>64</sup>.

No entanto, como diz Bakhtin, a festa não está presa a um conteúdo limitado, trancafiado nas presas do poder religioso, pelo contrário a festa por si só, possui seu movimento e engendra seus caminhos onde as inclusões e exclusões fazem parte desta mutação. Se o aspecto religioso através da festa constitui um componente obrigatório na representação do mundo desta coletividade, o certo é que este não se configura como sendo o único. Outras práticas sociais compõem este mundo da festividade onde a cerimônia e o divertimento eram vividos simultaneamente e onde o “fazer junto” era particularmente intenso.

Dá a necessidade em por em foco, os vários momentos que pontuam a festa. Dos preparativos ao grande dia - com baile, jogo de bocha, leilões de doces, de garrafas enfeitadas e a grande comilança - cada etapa possuía sua significação constituindo assim os rituais festivos.

---

<sup>64</sup> ZALUAR. op. cit. pp. 58-79

No início da comemoração da festividade do Santo Padroeiro a festa durava de 3 a 4 dias, porque incluía toda a colônia. A paróquia era instalada na sede da colônia - vila - e, portanto, o ponto de encontro de todos que compartilhavam e se identificavam com aquela “comunidade” simbolizada pelo santo. A partir de 1953 e com a criação do município de São Carlos, as linhas passaram a ter sua própria paróquia, cada qual com seu santo padroeiro e com o seu próprio Kerb.

Além da participação das pessoas que viviam na colônia, o Jornal “A Voz de Chapecó” de 1946, 1947, 1948 traz em suas páginas divulgação do “tradicional baile do grande Kerb”. O que pode significar uma reunião de pessoas oriundas dos vários cantos do município de Chapecó. A partir deste quadro, é possível pensar que o Kerb atraía a participação de diferentes grupos sociais, possibilitando o intercâmbio de idéias e valores, através de uma estrutura de comunicação informal.

Certamente é ilusório pensar numa total harmonia e passividade nas diversas etapas que compunham o ritual do Kerb. Pelo contrário, as etapas iniciais em si, já representavam possibilidades de conflitos e distinções de posição social. A escolha do festeiro é marcante nesta questão. Para ser festeiro era necessário muito mais do que a identificação com o grupo religioso, era necessário destaque social e econômico.

Ao analisar a figura do festeiro nas festas dos santos, Alba Zaluar destaca-o como a autoridade máxima a quem todos tradicionalmente deviam obediência. Embora fosse representante do santo, este só assumia o cargo se pudesse dispor de recursos para suprir gastos necessários com a festividade. Era o compromisso com a efetividade de dar uma boa festa.

Isto permite pensar na analogia que permeia estas festas populares, sem descartar no entanto, as fendas por onde se percebe as reelaborações e recriações. Em Itá, na região do São Francisco, Zaluar percebe a importância que tinham os laços que a festa reforçava e como o prestígio social que assumia o festeiro estava ligado a sua capacidade de mobilizar uma rede de relações e de dar uma boa festa<sup>65</sup>. Já em São Carlos, embora o festeiro possuísse um destaque social e a propaganda fosse feita em seu nome<sup>66</sup>, a boa organização da festa estava aliada à toda coletividade que de modo irrestrito era responsável por sua completa organização.

Analisar o Kerb, significa ultrapassar sua estrutura fixa. Compreende estar atento ou não às mudanças. O Kerb nesta coletividade era vivido como cerimônia e diversão. Os preparativos para a missa e a organização das novenas eram entrecruzadas com os preparativos do baile e do “banquete”. Havia uma reciprocidade específica na preparação do festejo. Todos colaboravam e à sua maneira participavam. Evidentemente que na mesma medida em que a festa espelhava a construção momentânea de “comunidade”, as fases do ritual se responsabilizavam em descaracterizar este imaginário permeado de contradições e conflitos.

Um exemplo muito significativo está relacionado ao baile do Kerb, que sendo uma das etapas mais esperadas da festividade, possivelmente era visto pela coletividade como a porta de entrada para o “mundo utópico do prazer”, utilizando uma expressão de Bakhtin. Como os períodos de festas restringiam-se àqueles ligados a Igreja e a eventos familiares, todos eram esperados e aproveitados, envolto a grande êxtase. A preparação de roupas especiais e de grande quantidade deucas e wurst eram sinais que os dias do Kerb não eram dias comuns.

---

<sup>65</sup> ZALUAR. Op. cit., pp. 73-77.

<sup>66</sup> Conforme propagandas veiculadas no Jornal “A Voz de Chapecó”:



A espera da coletividade para a “liberação” do salão que ocorria as 20:00 horas e o anúncio das bandinhas que iriam animar o baile misturava-se a “normalidade da festa”. Geralmente, após a missa matinal, ocorria a apresentação das bandas<sup>67</sup>, que representava um reforço ao convite à participação da coletividade em toda a festividade, inclusive e especialmente ao baile do Kerb. Mas o baile não se restringia a música e a dança. As práticas ali exercidas, de certa forma, representavam o mundo desta coletividade onde os conflitos e as resistências fluíam em toda a sua dimensão.

Dentro da concepção religiosa conservadora, a festa do padroeiro deveria ser festejada dentro das regras de solenidade e respeito que merecia o santo. Isto significa dizer que o ritual deveria ser permeado de novenas, missas e procissões de modo tal que cada devoto refletisse e almejasse para si os passos trilhados pelo santo bem como suas características de bondade, devoção ... É baseado nesta prerrogativa que o Bispo Dom Daniel Hostin, em 1932, solicita ao pároco, através de circular, para que a festa religiosa do Santo Padroeiro fosse limitada às missas cantadas precedidas por novenas. Isto porque: *“os bailes e a música tiram desta festa, o caráter solene e de respeito que lhe é característico”*<sup>68</sup>.

A idéia de desvincular os bailes da festividade solene, se por um lado está aliada a dispositivos de controles e condicionamento, por parte do poder instituído - no caso a Igreja - por outro faz emergir táticas para subverter tais imposições. A coletividade, após os atos solenes dirigia-se ao salão do Kroth e lá jogavam bolão, comiam cuca com wurst e depois faziam o grande baile. Depreende-se daí, portanto, que não existia uma total adaptação ao imperativo da moralidade religiosa. O baile, mesmo uma semana depois era organizado e denominado: baile do padroeiro.

---

<sup>67</sup> Entrevista com Jacob Ternus. São Carlos, 04/10/1994.

<sup>68</sup> Livro Tombo.

O fato de realizarem o baile do padroeiro uma semana após a comemoração, não descaracterizava o motivo. O salão era enfeitado com folhas de palmeiras, bandeiras e garrafas de cervejas ou vinhos enfeitadas - *kerbflasche*<sup>69</sup> - em homenagem ao padroeiro. Assim, realizar o baile posteriormente pode caracterizar táticas e sutilezas no sentido de reelaborar esta prática cultural. É possível dizer que aqui, conforme aponta Chartier, as práticas ao apropriarem-se desta festa criam novos usos e novas representações contrastantes e, portanto, concorrentes<sup>70</sup> .

Se a organização do baile em si, para esta coletividade, era fundamental na representação da festa do padroeiro, muito mais o ritual que compunha tal baile. Um dos momentos mais esperados era o “leilão da *Kerbflasche*”<sup>71</sup> .

As mulheres eram as responsáveis em enfeitar a garrafa que simbolizava a figura feminina. Diziam ser a boneca do Kerb. No decorrer do baile homens ou grupos de homens davam seus lances que podiam ser em dinheiro e/ou em cervejas. A disputa pela conquista da *Kerbflasche* se pela aparência, pode revelar uma forma lúdica deste coletivo por outra, revela em seu emaranhado um espaço para dar publicidade a uma imagem privada onde o “saber, a estima, a honra, a dignidade e o respeito são afirmados momentaneamente” .

---

<sup>69</sup> KERBFLASCHE - Termo em alemão que significa “garrafa do KERB”. Esta garrafa era enfeitada de forma a representar a imagem feminina.

<sup>70</sup> Para melhor compreensão, ver : CHARTIER. Op. cit., p. 137.

<sup>71</sup> A “garrafa do Kerb” era pendurada no meio do salão e leiloadada durante o baile.

No entanto, se uma idéia de igualdade social flui desta liberdade de aposta, a mesma é aparente e sem contornos já que só apostava quem possuía condições financeiras para tal. Clifford Geertz escrevendo sobre a Briga de galos balinesa, mostra os vários círculos hierárquicos de aposta, muitas delas nas “fimbrias da rinha de galos”. Mas, a que realmente se destacava era travada entre: “os membros verdadeiramente substanciais da comunidade, a cidadania sólida em torno da qual evoluiu a vida local, que disputam as grandes lutas...esses homens geralmente dominam e definem o esporte da mesma forma que dominam e definem a sociedade”<sup>72</sup>.

Com isto podemos perceber a simbologia que envolvia a disputa pela “Kerbflasche”. Através desta disputa voltava-se os focos para a representação de poder simbolizada pela conquista da boneca. Ao invés de ser uma simples aparência, seu ato e seu significado podem ser articulados de forma mais ostentativa. O que equivale dizer que a conquista da “Kerbflasche” além de significar o privilégio de pagar uma primeira rodada de cerveja aos participantes do baile e de ter o privilégio de dançar com a dama escolhida, representa um espaço onde se desempenham papéis sociais. Por outro lado, a existência de grupos de homens na disputa ou um maior número de bonecas a serem leiloadas possibilita pensar na reelaboração desta prática, onde o “status” pode ser momentaneamente modificado ou no dizer de Geertz, “um pulo para trás do espelho, que tem a aparência de mobilidade mas que não é real”.

---

<sup>72</sup> GEERTZ, Clifford. Notas sobre a briga de galos balinesa. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p. 302.

É desta forma que relações vão se constituindo em meio a festa. Relações estas que não estão alicerçadas tão somente na questão religiosa ou de classe. As relações de vizinhança, de etnia e de gênero permeiam estes espaços de sociabilidade onde se constróem laços de solidariedade e de companheirismo que se mostram, muitas vezes tensas e frágeis.

A festa não se caracteriza como uma instituição pré-estabelecida onde os rituais são lembranças de um passado remoto. Possível se torna entender que a festa reporta-se a algo anterior, mas que também é criada na experiência, partilhada nos valores e ideais da coletividade. Portanto, ultrapassando sua estrutura fixa é que será possível perceber sua reelaboração e sua ressignificação dentro deste espaço social que foi se configurando e se construindo.

## **FONTES**

### **Acervos**

#### **Casa da Cultura em São Carlos.**

- Retrospectiva histórica de São Carlos (datilografado).
- Aguihas um município que não se tornou município (datilografado).

#### **Museu histórico de São Carlos**

- Acervo fotográfico.

#### **Secretaria da Igreja São Carlos Barromeu**

- Livro Tombo: avisos, mensagem e relatório registrados a partir de 1931.

#### **Biblioteca particular de Alexandre Beirith**

- Escritos pessoais de Nicolaus Beirith (datilografado).
- Escritura pública de compra e venda de terra.
- Atestado de idoneidade da família Beirith, imigrantes teuro russos expedido pelo governo alemão.
- Lecença de Alvará para funilaria e consertos de Nicolaus Beirith.
- Livro escrito pelo teuto-russo Clemens Gisi.

#### **Biblioteca Pública Neiva Maria A. Costela (Chapecó)**

- Artigos do Jornal “A Voz de Chapecó”, a partir de 1939 até 1945.

Abordavam:

- \* Enchentes no Rio Uruguai;
- \* Progresso da região através do colono;
- \* Vinda dos colonos do Rio Grande do Sul;
- \* Reclamações a respeito do descaso do governo do Estado;
- \* Aberturas de estradas;
- \* Fundações de escolas;
- \* Artigos sobre a vida social do município: Bolões em São Carlos, Festa do Kerb, fundação do grupo de escoteiros.

### **Biblioteca Pública de Florianópolis**

- Artigos do Jornal “A Voz de Chapecó”, do período de 1939 à 1945.
- Artigos do Jornal “República”
  - \* Discurso do Governador Adolfo Konder no Distrito de Cascalho, 1929. Publicado em 30/05/1929.
- Livro de José Artur Boiteux intitulado Oeste catarinense, publicado em Florianópolis, 1931.

### **Arquivo Municipal Pe. Fernando Nazel. Maravilha-SC**

- Relatório da Companhia Territorial Sul Brasil.
- Livro de Correspondência da Companhia
- Relatório da Comissão de Sindicância da Diretoria de Terras, Colonização e Agricultura, 1931.

### **Biblioteca Setorial da UFSC**

- Livro de Artur Ferreira da Costa intitulado O oeste catarinense, publicado no Rio de Janeiro, em 1929.
- Livro de Othon D’Eça intitulado Aos espanhóis confinantes, publicado em Florianópolis, em 1929.

## **Mensagens Governamentais referente ao Oeste Catarinense**

- Mensagem de Hercílio Pedro da Luz, encaminhada em 27/07/1919 ao Congresso Representativo de Santa Catarina.
- Mensagem de Felipe Schmidt, encaminhada ao Congresso Representativo de Santa Catarina em 1918.

## **Entrevistas**

- Alexandre Beirith em São Carlos - 09/10/1993.
- Maria Beirith em São Carlos - 09/10/1993.
- Ervino Hoss em São Carlos - 23/03/1995.
- Marta Hoss em São Carlos - 23/03/1995.
- Francisco Alves de Matos em São Carlos - 05/12/1995.
- Ilsa Klein em São Carlos - 25/04/1995.
- Serafim Mergan em Águas de Pratas - São Carlos - 06/12/1995.
- Roberto Beckenkamp em São Carlos - 05/10/1994.
- Jacob Ternus em São Carlos - 04/10/1994.
- Padre Hebert Jerônimo Zimmer em São Carlos - 29/07/1994.
- Charlota Schawab em Aguiinhas - São Carlos - 06/10/1994.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Zuleica M.F. Brava Gente! Os italianos em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- AURAS, Marli. Guerra do Contestado - a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: UFSC/Assembléia Legislativa; São Paulo: Cortez, 1984.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BARRIOS, Sonia et alli. A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.
- BARROS, E.C. et alli. Imigração e Colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BELLANI, Eli Maria. Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai - 1917-1950. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 1991.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. 3 vols. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BOSI, Eclia. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Cortez, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Cia das Letras, 1989. A escola dos Animais. São Paulo: UNESP, 1992 .



- CABRAL, Oswaldo R. História de Santa Catarina. 2ª edição. Florianópolis: Lunardelli, 1970.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DAVIS, Natalie Zemon. Culturas dos povos: Sociedade e Cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FISCHER, Martin. Vierzig jahre. Russlanddeutsche siedlungen in Santa Catarina 1930-1970. Ijuí: Michaelson, 1970.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. Teatros da vida, cenários da história. A farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina. São Paulo: PUC, 1991. Tese (Doutoramento em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.
- FOUCAULT, Michel. A microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIALDI, Francisco. Maravilha: sua terra, sua gente, sua história. Porto Alegre: Suliani, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HOBSBAWN, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

- HOLANDA, Sérgio Buarque. Caminhos e Fronteiras. São Paulo: José Olímpio, 1975.
- HUNT, Lin (Org.). A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LENZI, Zuleica M. O Kerb em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1989.
- LIMA, Lizanias de Souza. Plínio Correa de Oliveira: Um Cruzado do Século XX. São Paulo: USP, 1984 (Dissertação de Mestrado).
- MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do ensino em Santa Catarina 1930-1940. Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado, 1979.
- NOGUEIRA, Rui Alencar. Nascionalização do Vale do Itajaí. Rio de Janeiro: Masursky, 1947.
- PEIXOTO, Nelson B. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? Revista USP.
- PIAZZA, Walter F. A colonização de Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli.
- POLI, Jacir. Caboclo: Pioneiro e Marginalização. In: CEOM. Chapecó: FUNDESTE, ano 5, nº 7, abril/1991.
- RENK, Arlene. A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. DPGAS, Museu Nacional UFRJ (Dissertação de Mestrado), 1990.
- \_\_\_\_\_. As representações da colonização no oeste catarinense a partir brasileiros. In: CEOM. Chapecó: FUNDESTE, ano 5, nº 7, abril/1991.
- REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand, 1987.

- SAMUEL, Raphael. Documentação: História Local e História Oral. In: História em Quadro Negro. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 89, nº 19, set./89 e fev./90.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995. pp. 135-157
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Os meandros dos rios nos meandros do poder. São Paulo: PUC (Tese de Doutorado), 1987.
- SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: FCC, 1981.
- \_\_\_\_\_. Aspecto da proletarização do campesinato no Vale do Itajaí (SC): os colonos operários. In.: Cultura e identidade operária. Rio de Janeiro: UFRJ / Marco Zero, 1987. pp. 103-120.
- \_\_\_\_\_. Identidade camponesa e identidade étnica. In: Anuário Antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- \_\_\_\_\_. Identidade étnica, assimilação e cidadania. In: Revista brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, nº 26, ano 9, out./1994.
- SILVA, Zedar Perfeito. Oeste catarinense. Rio de Janeiro: Laemmert, 1950.
- SINGER, Paul. Economia política da urbanização. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- THOMPSON, E.P. A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

- \_\_\_\_\_. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- WERLANG, Alceu. A colonização as margens do Rio Uruguai no Extremo oeste catarinense. Florianópolis: UFSC (Dissertação de Mestrado), 1992.
- WOLFF, Cristina Scheibe. As mulheres da colônia Blumenau. Cotidiano e trabalho (1850-1900). São Paulo: USP (Dissertação de Mestrado), 1991.
- ZALUAR, Alba. Os homens de Deus. Um estudo das festas e dos santos no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.